



Depois d'um passeio pelo parque.

(Cliché da Phot. Belleza).

PROPRIETARIO

Joaquim Antonio Pereira Villela.

DIRECTOR

Dr. Francisco de Sousa Gomes Velloso.

ADMINISTRADOR e EDITOR

Clemente de Campos A. Peixoto.

Ilustração Catholica

Revista litteraria semanal de informação graphica

Redacção, administração e typographia
83, R. dos Martyres da Republica, 91
BRAGA

CONDIÇÕES D'ASSIGNATURA (PAGAMENTO ADEANTADO)

Portugal e colonias—Um anno, 4\$800.
Semestre, 2\$400. Trimestre, 1\$200 rs.

À cobrança feita pelo correio ou pelo entregador,
acresce o importe das despesas.

Extrangeiro — Um anno, 5\$400.

Numero avulso, 100 rs.



ILUSTRACÃO CATHOLICA

Revista litteraria semanal de informação graphica

Proprietario Joaquim A. Pereira Villela. Director Dr. F. de Souza Gomes Veloso

EDITOR E ADMINISTRADOR

Clemente de Campos A. Peixoto

Braga, 30 de Novembro de 1918

Redacção, Administração e Typographia
83, R. dos Martyres da Republica, 91

Numero 283—Anno VI

“ILLUSTRAÇÃO CATHOLICA,,

Vimos, com desgosto nosso prevenir os nossos presados leitores que, não obstante os nossos esforços e cuidados nos não chegou uma remessa de papel de excellenté qualidade que se encontra no porto de Lisboa e dependente do despacho da Alfandega.

A este facto se atribue termos feito a impressão em papel bastante inferior. Esta falta a remediaremos, com a aquisição do novo papel, e vindo elle, como esperamos dentro de pouco, a *Illustração Catholica* entrará na normalidade da sua publicação semanal.

Confiamos em que os nossos leitores e queridos assignantes nos continuarão, como até agora a auxiliar com a sua boa vontade.



Barcellos — Alheira. O Presbyterio.

(Cliché de A. Soucasseux).





O porquê da victoria!

No geral a litteratura de ha cincoenta annos anda hoje, cheia de pó, nas rumas dos alfarrabistas. Raros os que a guardam na estante, onde, pelo contrario, se perfilam os volumes de capas coloridas, tirados pelos *viente de paraitre* dos mostruarios, das livrarias mais formidas da exportação franceza.

Não me admirei, pois, com haver topado no comboio, ha dias, dois mocinhos barbados a declararem em controversia que estas discussões de problemas religiosos, politicos e sociaes «enfastiam» e depois de asentarem n'isto, metterem a trote desfechado dos Pérgasos respectivos (pois ou muito me engano ou tractava-se de dois poetas d'estes de agora, que ninguem entende) pelos espaços inter-sideraes do symbolismo, futurismo e quejandas ideias mirabolantes a que o D. Francisco Manuel de Mello chamava no seu tempo pelos nomes proprios. Se áquella litteratura, no geral, poucos lhe pégam, de um modo especial anda relegada as profundezas do olvido e da traça, para vender a pezo, n'estes dias em que o papel orça pelo preço das joias, a litteratura catholica d'aquella data.

Ha quem hoje esgaravate bem esgaravado um livro francez sobre coisas catholicas — e quanto mais recente mais esgaravatedela — e ouse confessar que não lê Senna Freitas porque, sim, você comprehende, o Senna Freitas está... *démodé!*

Eu declaro que durante a guerra e a respeito d'ella fui dos que li menos, podendo no entanto dizer que escolhi bem o que li. Farto de ouvir guerra, de comer guerra, (e comia-se pouco!) de vêr guerra, de vestir guerra, receei que a guerra tambem me embotasse o gosto de lêr, e que á custa da guerra ficasse com carapêças a mais e ideias a menos. Embirro com fanatismos e sou prudente. O que me preoccupa é não errar nem desviar-me da doutrina da Igreja. Tenho medo com o regulamento e presto n'elle. Entrincheirado e abastecido na doutrina da Igreja, espero que a joieira da verdade me alimpe os acontecimentos e as opiniões que em volta d'elles se não vão suscitando.

Não me espantava, pois, de me achar nos ultimos quatro annos em divergencia de pensar com outras pessoas, aliás doutas, que liam muito mais do que eu, mas que por certo não liam o que eu lia. Ora eu apeguei-me aos taes livros catholicos *démodés* e seguro na auctoridade d'elles, apreciava os acontecimentos consoante a doutrina. Poupei a bolsa e ganhei muito.

Eu por exemplo, recusei-me a aqovacar a voz no *côro das victorias* emquanto não vi em Paris a demonstração da unidade e continuidade politica e militar feita no poder para toda a duração da guerra; e convencido de que a guerra foi uma expiação para a França, como para nós, eu pedia a Deus a conversão d'ella, a condição essencial da victoria, ao passo que outros, esquecendo que o triumpho com o radicalismo republicano no governo seria de facto o triumpho do radicalismo republicano na nação, pediam simplesmente a victoria, sem fallarem na conversão de que ella seria premio. Via mal? Ainda teimo em que não, e os acontecimentos dar-me-hão toda a razão, agora e no futuro. Eu não via mal, via apenas as coisas como ellas devem ser vistas por catholicos e não catholicos, isto é no seu significado essencial e profundo, á luz da religião ou do interesse religioso, como agora anda em moda dizer-se, para não irreverenciar o utilitarismo d'esta época de interesseiros. E via-o porque? Porque a guerra de 1914 veio como uma consequencia do comportamento da França depois de Sédan, e eu lera a carta que Melania, a pastora de La Salette, escreveu a 21 de setembro de 1870, carta em que apparecem escriptas estas palavras: —

«*Ha pessoas que rezam e pedem a Deus o nosso triumpho de francezes. Não é isto o que Deus quer: o que elle quer é a conversão dos francezes. A Virgem Santissima veio a França, e a França não se converteu*». A victoria da França sem a conversão da França de que serve ao mundo?

A provação agora foi mais dolorosa porque castigou a reincidencia na culpa. Por isso mesmo se em 70 nós vimos, uma França boa e crente, servindo de enfermeira espiritual e material a uma França má e peccadora, a França official, o que levou um grande escriptor a dizer que «era Martha, a santa, ao pé de Madaglena a louca»; agora vimos tambem que em França, a França boa e crente, resou pediu e se mortificou (ah! as longas e arduas penitencias que se fizeram em França para expiar as suas culpas e minorar o castigo justissimo de Deus!...) muito mais que em 70. Ahi por janeiro do anno passado, cahiam na redação da *Croix* dezenas de cartas supplicantes que chamavam as lagrimas aos olhos: eram de fieis que sacrificando-se, penitenciando-se constantemente, duramente, violentamente ha tres annos por amor da França que peccara, repetiam o *Eli! Eli!* de Jesus no Calvario, perguntando:—*então Deus não nos ouve ainda?!* E da *Croix* respondiam-lhes:— não desesperem! Continuem! Deus está prestes a ouvir-nos!

Até que a estrada da victoria illuminou a França! Até que Deus a ouviu! O periodo mais intenso, direi até louco, das exonerações francezas coincidiu com o rompimento da offensiva de Foch!

Para que precisava eu dos livros cintados com o *vient de paraitre* para saber isto, se eu *nunca* esqueci que havia uma boa França e uma França má?

N'aquelle livro (leiam-no hoje ao menos os que por ahi insistem no *eu bem the dizia* de bandarras baratos!) n'aquelle livro precioso de Mgr. Gaume. *Onde estamos?* escripto em 1871, sobre Sédan e sobre a Porta Pia, ha uma passagem que guiou sempre durante a guerra o meu criterio. E' esplendente de visão sobre o futuro, parece uma prophacia! Eil-a:

«Apoz repetidos conselhos: apoz quarenta annos de paz: apoz a sua prosperidade material sem exemplo; apoz as inundações e pestes, repetidas mil vezes; apoz a molestia mysteriosa e aturada da vinha e dos vegetaes; Deus levou a sua ternura cheia de misericordia até enviar duas vezes, em vinte annos, a sua Mãe celestial em pessoa, para convidar a França ao arrependimento. Vendo que tudo era baldado, Deus fez com a França o que fizera a Israel transgressora e rebelde: *chamou Assur, a vara do seu furor*».

Assur veio, e Deus, em accordo á sua missão, entregou-lhe quanto tirava á França, os meios todos de um exito feliz: o ingenho, o talento, a previsão, a disciplina, o numero e a força. Orgulhoso Assur, julgando trabalhar por si, serve apenas a obra de Deus, de quem é instrumento passivo. *Elle emenda a França*. As derrotas, as cornificinas, os incendios, as devastações, os roubos, as ruinas, os inauditos desastres, que chovem sobre a França, a destruição completa dos seus diexes e dos seus idolos todos, constituem o remedio, que elle está esgaravado de applicar á grande doente.

Este remedio mostra-nos na sua força e amargo quanto a França está doente, isto é, quanto é criminosa. Effectivamente nas leis da infalivel justiça, nunca o tamanho dos castigos excede o dos crimes.

«*Se a Prussia faz á França uma guerra feroz, é porque a França fizera primeiro a Deus guerra de barbaros*».

E' tal a qualidade d'este ultimo remedio que ou mata ou salva a França. *Depois que Assur tiver enchido o mandato, dir-lhe-ha Deus como ás ondas do oceano: não avances por deante, e Assur perderá a força contra Israel. Se exceder o mandato, Deus tomar-lhe-ha contas; e esmagar-o-ha, se injustamente continuar*, — como um pae parte nas mãos o junco, de que se servira, em castigo ao filho desobediente.

«*O presente e o futuro da França e da Prussia depeuderam-se n'estes traços de philosophia divina*».

Isto foi escripto em 1891!

Digam agora os *sábios da natura*... se o francez Mgr. Gaume viu ou não a guerra admiravelmente, á quasi cincoenta annos de distancia! Queira a França não recahir no erro, amparando-a Deus com a sua mão direita. Os povos, ás vezes, como os individuos tem offuscações de memoria!

F. V.



VIDA INTENSA



Por J. de Faria Machado.

Inverno.

AS arvores despiram a sua tunica de folhas e os olhos da terra engrossaram em lagrimas que lá vão, de pedra em pedra, tormentando nas cachoeiras, deslizando mansas nas levadas, caminho dos rios, caminho do mar. Já choram as fontes, já melodiam as bicas, já a chuva cochichando, monofona, burrifa os prados, desdentada a terra viuva... Já nas lareiras, noite velha, á hora amiga do serão, o fuso canta e a dobadoira geme nas mãos velhinhas das fiandeiras enquanto o vento, surgindo da sombra embuçada dos pinhaes, vem cantar tambem arias crueis de furia nas portadas e nos janellos!! Já chegaram, presagas, as noites negras, noites sem lua, abafadas de sombra, noites de crime, d'aventuras, cortadas apenas pelo uivar dos ventos, pelo ladrar anilado dos cães de guarda. Noites de frio, noites de serão, onde em cada lar canta uma fogueira e em cada coração crepita a chamma viva d'uma saudade! E' que o inverno chegou... A natureza esplendida n'uma humildade de penitente despoja-se de galas, entra amargurada e constricta na sua queresma de penitencia. Já a novidade dorme nos celleiros, debandaram os rebanhos para a segura paz dos rediz, desceram os pastores para os casaes, que a neve já corta e regela nas valleiras da serra. Chegou a hora das piadas, a hora dos romances, das historias, das lendas, a hora religiosa e boa em que todos se olham, se interrogam, se lembram, a hora das saudades, ao redor da lareira, a hora mansa dos humildes, dos simples e dos bons. E quanto a illusão sobre e vaguea n'aquellas almas, quantos sonhos se esboçam, quantos horisontes se desvendam, quantos destinos se firmam, entre uma canção e uma lenda, entre um riso e uma lagrima, entre uma vida e outra vida!!... E nos casaes e nos solares, nas cabanas e nas granjas, todos aquelles que fugiram ao vendaval das cidades no dia tragico em que as olharam na sua miseria eterna na sua grandesa inu-

til, na hora madura em que os destinos se conhecera, não vive áquella hora, do mesmo sonho, da mesma ancia, da mesma suave e consoladora saudade que, silenciosa e vaga, vive na intimidade doce d'aquelle serão. Ai d'aquelles que não souberam erguer na vida um sonho, que não ousaram tecer a malha estreita d'um romance, a renda complicada e vaga d'uma aventura, que não souberam ligar a sua vida de saudade, em saudade, enlea-la pelas lembranças para agora a desfiar como um rosario suave de boas recordações?? Quem não ergueu no monte da sua phantasia o castello doirado, a torre de marfim do grande sonho para que agora, na paz do serão, na paz da noite, agora que o coração ja entrou no seu inverno, já se despiu das suas galas, já abandonou os seus esplendores, se relembre e viva á luz da mesma fogueira que accende em cada alma tão diferentes clarões!! Quem não anda a fiar o linho doce da lembrança para o bragal do seu coração de velho como as moças vão fiando, torcendo e reforçando o oiro do linho, para o seu bragal de desposadas! E o vento a uivar sinistro, a chuva a rufar nas vidraças, a gemer nas telhas, a empapar na lama dos caminhos, que mal deixa ouvir as cantigas das reparigas, os apodos dos velhos, enrodilhados, ao lume, a lembrar, a lembrar!!

Vem a hora da resa pelos que andam de jornada, pelos que andam na guerra, pelos que andam no mar, pelas suas esperanças, pelos seus anceios, pelas suas illusões, e depois do rosario das saudades vem o rosario das supplicas, vem o murmúrio ungido das almas louvando o seu Deus....

Longas, romanticas noites d'inverno, embevecidas de mysterio, cheias de sombra e de pavores, d'uivos e de resas, de clamores e de cantigas, noites de paz e de suave e melancolica poesia, feliz d'aquelle que soube comprehender o intimo sentido da vossa enternecedora e commovido romance....

A Castellã



A castellã despertou tarde. Mal se ergueu, notou que á beira do mar uma caravella fluctuava com pompa e alegria. O mar beijava as muralhas do castello. Era perto o ancoradouro da Senhora da Esperança. Quantas caravellas não via ella partir, a caminho da India opulenta?

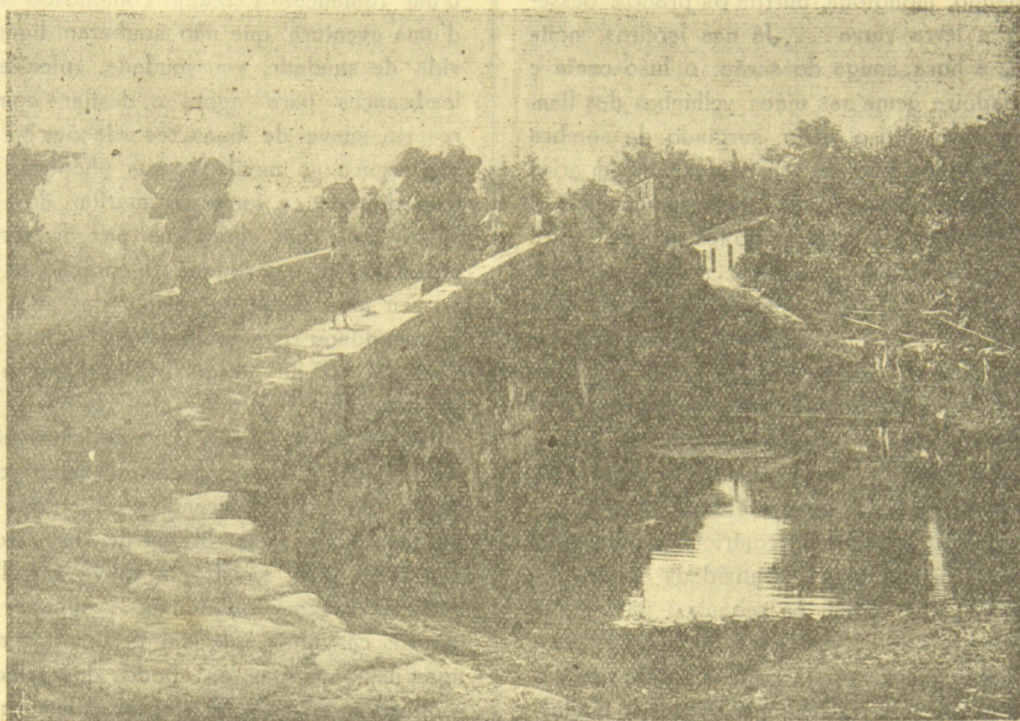
— Senhora! — disse a aia. Vosso padre por vós perguntou já.

È a castellã voltou:

— Chamando-me preguiçosa? Aviae-vos.

Entretanto, a caravella não abalara.

A castellã vi-a fixa, e na amurada um vulto gentil de cavalleiro a fitar o castello.



BARCELLOS — *Alheira*. Ponte de Anhel.

Por isso, a castellã fitou os olhos claros e grandes na caravella d'aço, rezou pelos navegantes, e chamou a aia.

O sol já ia alto. Sol de Maio, casado com as rosas frescas e vivas. Ao longe, sussurrava a multidão trabalhadora.

È a castellã, enquanto a toucavam de flôres, rezava e devaneava, pensando na luz da primavera, nas flôres namoradas, nos luctadores que nem temem espumas nem peso de alviões.

Apenas vestida, correu ao varandim de marmore.

A sua figura de alabastro encheu-se de sol, tornando a manhã ainda mais resplandecente.

De repente, voltou-se para traz.

— Aia!

— Senhora minha!

— Conheceis aquelle cavalleiro? Por Deus, que tem garbo de leal fidalgo.

— Se conheço, senhora!

È a aia levou a mão ao seio, sorrindo.

— Que tendes? Dôr no coração?

— Não, senhora, uma carta d'elle junto do peito.

E tirou um papel dobrado, perfumado a benjoim.

A castellã fitou o papel, fitou a aia, fitou o cavalleiro, a caravella, o mar, e tomou a carta.

Depois, a meia voz, disse á aia:

—Ide-vos! Dizei a meu padre, que breve estou com elle.

*

E a carta dizia:

— Senhora minha: Já que inda vos não

Mas estacou sem um gesto, branca de cêra, com ar implacavel.

E a caravella partiu.

E a castellã, mal a viu desaparecer, cercada de vagas enormes, benzeu-se e correu a fallar com seu pae.

Volveram mezes.

Todo Portugal vibrava com epicas noticias da India.

Affonso d'Albuquerque enchia o mundo com a sua gloria.



BARCELLOS — Alheira. Mulheres da região conduzindo louça.

(Clichés do disq. phot. am. snr. A. Soucasaux).

prazo, por mais torneios e justas que me distingam, vou-me á India, recolher gloria para merecer-vos. Espero que do varandim me digaes se é vossa vontade a minha partida. Caso me aceneis, ficarei. Caso assomeis, direita, sem nenhum gesto, signal será de que devo partir, e irei. *Cavalleiro do Sonho*.

A castellã leu, meditou e teve de enxugar duas lagrimas.

Correu ao varandim,
Estava convulsa e livida.

E dos seus soldados o mais illustre era o Cavalleiro do Sonho.

De tempos a tempos, a castellã recebia d'elle cartas cheias de paixão e saudade.

Ella respondia sempre!

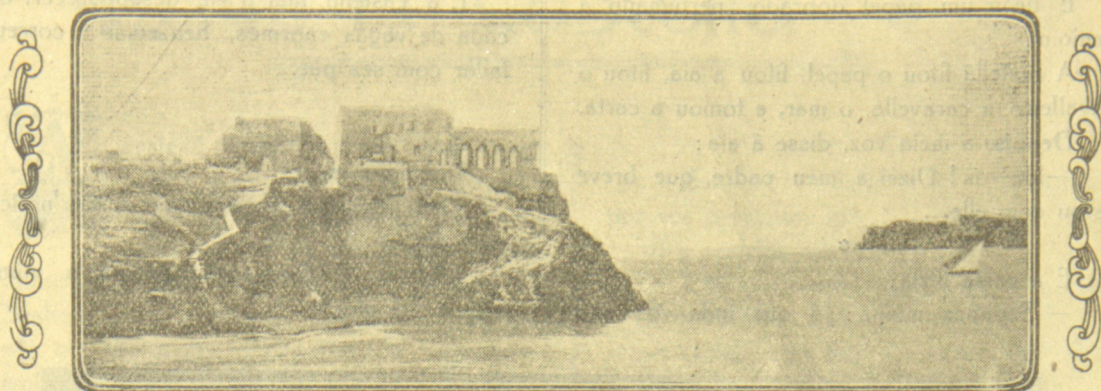
— Cumpri o vosso dever, enquanto sois moço. Nunca serei de quem não tenha servido a Patria com verdade.

E volveram annos.

Jã os lindos cabellos da castellã tinham alguns fios de prata, quando a caravella voltou.

O Cavalleiro do Sonho vinha glorioso e magnifico.
Vencera batalhas homericas,

— Só Deus o sabe.
— Tenho envelhecido tanto á espera d'elles !



Portimão — Castello d'Arade, na embocadura do rio do mesmo nome, formosa viverda do illustre escriptor e poeta algarvio, Dr. Coelho, de Carvalho.

Colhera o ultimo suspiro do grande Albuquerque e, n'elle, as honras de capitão incomparavel.

Que consagração maior ?

É o povo da India quizera-o rico.

Tinham lhe dado pedrarias e purpuras.

Quanto não valiam ellas ao pé de tão justiceiros louros ?

*

Mal a caravella chegou — foi de noite, noite de luar enternecido — a castellã ouviu um canto apaixonado e saudoso. A alma do Cavalleiro chegava-lhe em soluços que se casavam com hymnos de fé.

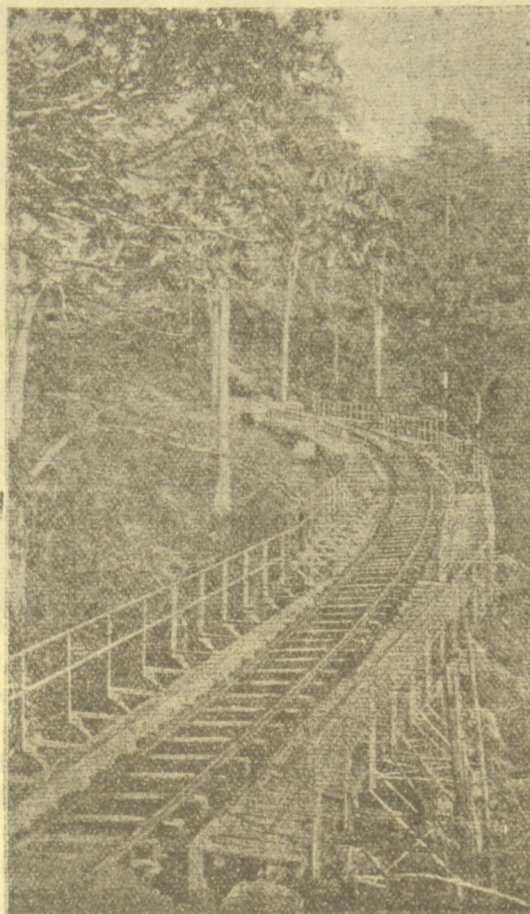
Palpitavam de gloria e amor.

E, pouco depois, surdia a aia.

— Senhora . . .

— Bem sei, uma carta . . .

— Ah ! chegam de certo agora os vossos desposorios. Não é pouca a tardança.



Africa Occidental — Um aspecto do viaducto do Caminho de Ferro de Loanda.

É entregou a carta com a mão de marfim, pois tanto envelhecêra.

A castellã abriu e leu :

— Senhora minha : Servi a Patria com verdade. Venho glorioso e rico. Espero as vossas ordens, como ha tantos annos.

E ella correu a responder :

— Saúdo-vos. Servistes a Patria com verdade. Mas, só quando servirdes Deus, n'um só feito, serei vossa. Ide, e merecei-me.

E, pouco depois, a caravella fixava-se, o Cavalleiro do Sonho desembarcava e desapparecia, cheio de angustia e saudades, á merce do desalento.

O Cavalleiro do Sonho foi para a côrte. Quizeram-no distinguir no paço real, e elle pediu que o dispensassem. Trazia o coração morto.

A castellã zombara d'elle. Que era para elle a vida agora ?

E poz-se a pensar na morte, na penitencia, no aniquilamento.

N'esta dôr, porém, passaram mais annos, e, entretanto, um desgraçado o colhêra pelo coração. Era um fidalgo pobre e infeliz. O Cavalleiro levantou-o da miseria e deu-lhe toda a alma n'uma dorida confidencia.

Ah! illudido no Amor, o Cavalleiro procurava o balsamo da Amizade!

E amou o outro como a um irmão. Amou-o, Salvou-o.

Um dia, porém, ao voltar da ermida onde rezava até á noite alta, foi accomettido de golpe na escuridão. Prostraram-no. Perdeu os sentidos. Quando os recuperou, amparavam-no os criados, e estes disseram-lhe que o seu ami-

Volveram semanas.

Uma tarde, grande cavalgada parou diante da choupana.

O Cavalleiro levantou os olhos encovados e ficou n'um tremor.

Ainda bella, embora encanecida, a castellã descia d'um palafrem, sorrindo carinhosa, feliz, eternecida, a saudá-lo, a festejá-lo.

— Vós aqui, senhora, quando sou uma ruina até nos haveres?! — rompeu elle.

E ella respondeu, abraçando-o e beijando-o com liberdade apaixonada:

— Agora, sim, que sois o meu querido e legitimo esposo, que o ides ser perante Deus. Fôstes grande cavalleiro em torneios e justas. Maior o fôstes nas pelepas da India. Mas di-



Africa Occidental — Mercado de borracha em Catumbella (Angola.)

go roubara os dois cofres preciosos em que tinha toda a sua riqueza, e com todo o ouro, as cartas da castellã. Um monstro!

— Senhor — gritaram elles — nós sabemos o rumo do ladrão. Vamos entregá-lo às justicas, logo que vossa mercê repoise.

Mas o Cavalleiro respondeu; sorrindo, lentamente:

— Nem um só passo, bons servos. Levou-me elle o que Deus não quer que meu seja. Segredo e perdão. Quanto a vós, procurae amo, que já não tenho com que pagar-vos comedorias e soldadas.

E foi viver para uma choupana á beira mar, envelhecendo tanto, que todo elle eram cãs e rugas fundas, alcazinado e livido.

gno do Senhor só perdoando a quem vos roubou e quiz matar.

E, n'um extasis angelico, rematou, em tom ardente:

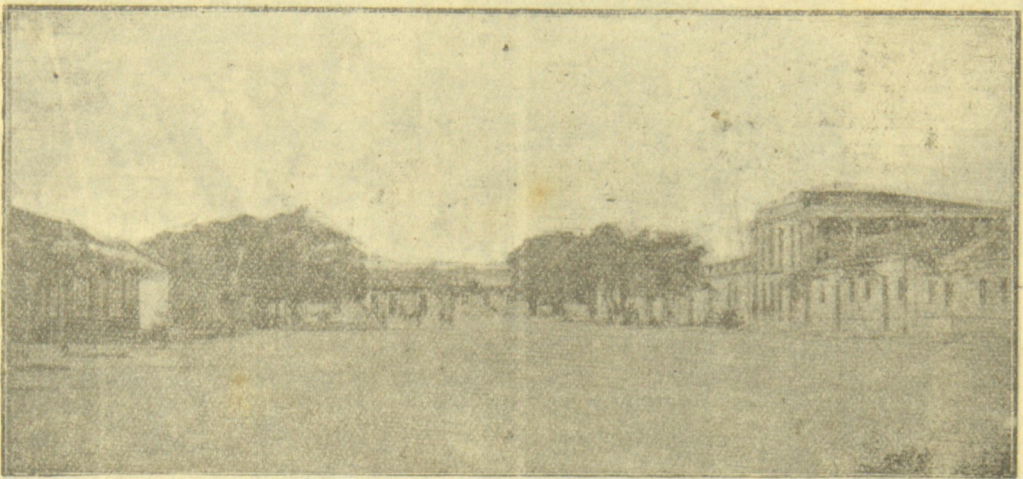
— Ah! se vós soubesseis a grandeza, a belleza, a mocidade que tendes agora! Podeis estar certo: ereis para mim muito mais velho e pequeno quando tanto de vós fallaram os grandes capitães.

E, no dia seguinte, a castellã desposava com grande pompa e alegria o Cavalleiro do Sonho, milagrosamente remoeado pela benção do Amor em Deus.

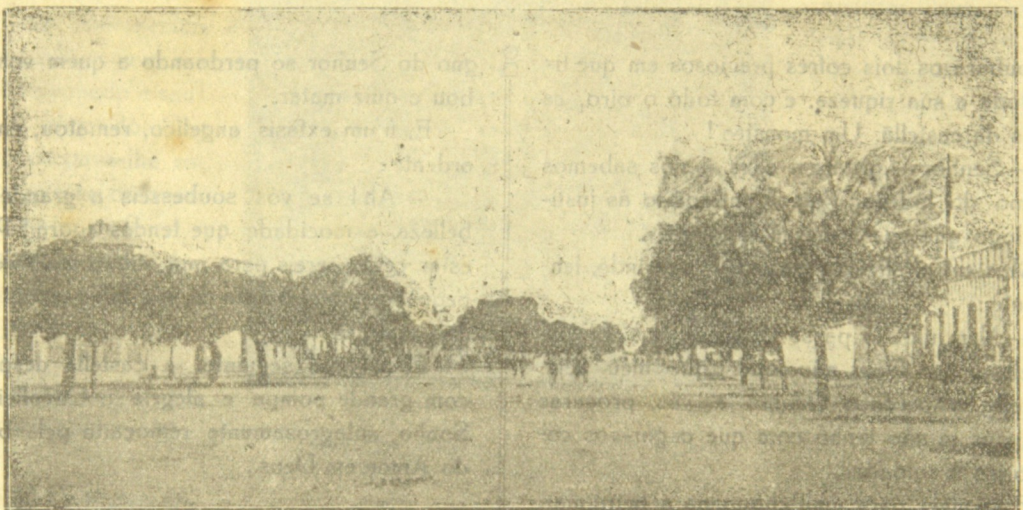
José Agostinho.



Africa Occidental — O Largo dos Desenganos, em Catumbella.



Benguela — O Largo dos Doutores



Benguela — Rua Paulo Cid.

Monte-Pio do Clero Secular Portuguez

Successor da Veneravel Irmandade
dos Clerigos Pobres de Lisboa

O clérigo d'ordens sacras, que deseja alistar-se n'este Monte Pio, deve enviar ao Rev. Padre Alfredo Elviro dos Santos, morador na Avenida Fontes Pereira de Mello, 41, Lisboa, os seguintes documentos:

- 1.º Certidão de idade, devidamente reconhecida por notario.
- 2.º Dois attestados, ou declarações medicas juradas e reconhecidas por notario, em como não sofre de malestia actual, ou habitual (pajavras textuaes).—3.º Attestado, ou declaração jurada, do secretario da Camara Ecclesiastica respectiva, ou do Vigario da Vara, Arcepreste, ou Ouvidor, em como está no legitimo exercio das suas ordens, exerce o cargo de... e não está incurso em processo algum ecclesiastico ou civil.

Os documentos podem ser em papel commum.

Se o clérigo residir na Archidiocese de Braga, principalmente no concelho de Braga, deve dirigir-se ao Rev. Padre Arnaldo Carlos Lamas de Oliveira, residente na rua de 5 de Outubro, n. 80, em Braga, ou ao Rev. Padre Leonel Aragão Dantas de Sousa, morador em Laranjeira, Monção, se residir no concelho de Monção; ao Rev. Padre Domingos Alfonso do Paço, capellão da Misericordia de Vianna do Castello, se residir no concelho de Vianna do Castello; ao Rev. Padre Manuel da Costa Freitas Reis, se residir no concelho de Famalicão; ou ao Rev. Padre José Antonio de Campos Junior, parochio de S. Vicente de Aljubarrota, se residir no concelho de Alcobaca.

Os referidos Revs. Padres são socios correspondentes do Monte-Pio; prestam todos os esclarecimentos, facilitam as admissoes, recebem as quotas, pagam subsídios, etc.

Este, concede subsidio na doença, suspensão e falta de collocação; paga visitas medicas aos socios residentes em Lisboa e nas terras em que residirem 20 socios; dá 10 escudos para operações cirurgicas, ou conferencias medicas e 10 escudos para auxilio das despesas com processos ecclesiasticos ou civis; todos podem celebrar na capella do jazigo, sito na rua numero 5, do cemiterio do Alto de S. João; faculta a livreria aos socios, que a desejarem consultar; tem direito a comprar para si e para as suas familias medicamentos melhores e com abatimento de 20 p. c. nas pharmacias mutualistas de Lisboa; todos têm direito a ser sepultados ou depositados no referido jazigo, etc.

Concede o subsidio de vinte e cinco escudos e mortalha para o funeral dos socios residentes em Lisboa, e o de vinte escudos para o funeral dos socios residentes fora de Lisboa.

FRIGIDEIRAS E RESTAURANTE

Casa do Cantinho



Largo de S. João do Souto
BRAGA

Estabelecimento mais antigo
e acreditado n'este genero

Collegio de S. Thomaz d'Aquino

BRAGA

Fundado em 1896

DIRECTOR

Padre Manoel Joaquim Peixoto Braga

Admitte alumnos internos, externos
para o curso dos Lyceus, Commercial e
Instrucção Primaria..

Colégio Académico

GUIMARÃES

Campo da Misericórdia

A casa de educação e ensino mais
antiga desta cidade

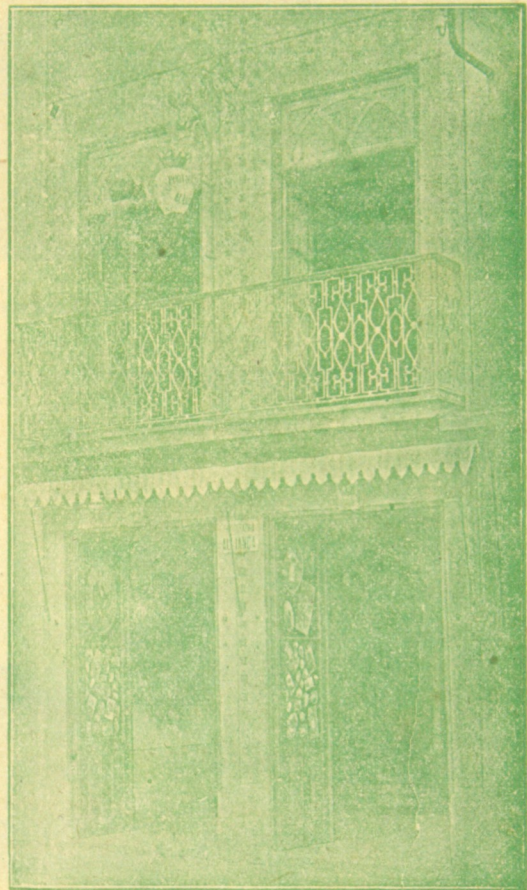
Bons resultados nos exames e
sólida educação são o seu réclame.

Pedidos aos directores.

Dr. Alfredo Peixoto

Luiz Gonzaga Pereira

P.º José Maria dos Santos



PHOTOGRAPHIA ALLIANÇA

44 Praça Alexandre Herculano, 45

BRAGA



A GUERRA EUROPEIA

Lição de francez ás creanças da Alsacia.

PROPRIETARIO

Joaquim Antonio Peretra Villela.

DIRECTOR

Dr. Francisco de Sousa Gomes Velloso.

ADMINISTRADOR e EDITOR

Clemente de Campos A. Pelxoto.

Illustração Catholica

Revista litteraria semanal de informação graphica

Redacção, administração e typographia
83, R. dos Martyres da Republica, 91
BRAGA

CONDIÇÕES D'ASSIGNATURA

(PAGAMENTO ADEANTADO)

Portugal e colonias—Um anno, 4\$800.

Semestre, 2\$400. Trimestre, 1\$200 rs.

A cobrança feita pelo correio ou pelo entregador, accresce o importe das despesas.

Extranjeiro—Um anno, 5\$400.

Numero avulso, 100 rs.

Numero 284

Braga, 7 de dezembro de 1918

ANNO VI